Pensar por nebulosas

Margareth da Silva Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, M.S. Pensar por nebulosas. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. *Nebulasas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 236-261. ISBN 978-85-232-2032-7. <https://doi.org/10.7476/9788523220327.0010>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

P E N S A R P O R

P E N S A R
P O R
N E B U L O S A S

*Notas sobre um modo de pensar
a escrita da história*

M A R G A R E T H
D A S I L V A
P E R E I R A

Sou filha da terra e da água
 Rebento do céu;
 Passo pelos poros de oceano e praias
 Mudo, mas não posso morrer.
 E, depois da chuva, quando
 o pavilhão do céu se mostra sem adornos,
 E ventos e raios de sol
 Constroem a cúpula de ar azul,
 Rio em silêncio, no meu próprio cenotáfio
 E da caverna das chuvas,
 como criança saída de ventre materno,
 como fantasma de tumba,
 Irrompo,
 e, mais uma vez,
 tudo desmonto.
 (Percy Bysshe Shelley, *Nuvem*, 1820)

Então, excêntrico estrangeiro. [diga]! A que amas,
 — Amo as nuvens... nuvens que passam... longe...
 lá muito longe
 ... maravilhosas nuvens!
 (Charles Baudelaire, *O estrangeiro*, 1862)

Deveríamos considerar o universo como vemos as
 nuvens, em uma fluidez, uma mobilidade e uma
 metamorfose perene. Continentes vagam, rios es-
 correm, galáxias colidem, ideias passam e voltam,
 vivos morrem e às vezes mortos parecem presentes...
 (Anatole Farrachi, *A tectônica das nuvens*, 2017)

O passado traz consigo um índice misterioso... não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?
(Walter Benjamin, *Sobre o conceito da História*, 1940)

Nenhum vento sopra a favor daquele que não sabe a qual porto chegar
(Sêneca, *Carta a Lucilius* - LXXI, ca. 64- 65 DC)

DE NÉVOAS DE NUENS E NEBULOSAS OU O PESO DAS PALAVRAS

No vocabulário contemporâneo, a palavra “nebulosa” pode ser um adjetivo ou um substantivo. Em português, até o início do século XVIII, só existia o adjetivo “nebuloso(a)”, usual para se designar céus, tempos ou atmosferas cobertas de nuvens. (BLUTEAU, 1716, p. 694)

Mais raramente, o termo também podia ser usado de forma figurada para falar de algo sombrio e escuro – como um manto, por exemplo. No feminino, um outro uso do adjetivo, igualmente pouco usual, estava ligado à observação de certas estrelas, vistas só com telescópios, que pareciam estar envoltas em nuvens, as “estrelas nebulosas”. Assim, seu emprego costumeiro designava, sobretudo, uma condição atmosférica na qual nuvens estavam umas sobre as outras, formando diferentes conjuntos, em uma situação de certo adensamento ou movimentando-se para tanto.

Se inspirando nesse efeito de sobreposição de nuvens, a inovação em várias línguas foi criar o substantivo feminino “nebulosa”¹ para nomear, agora, corpos celestes envoltos em gases e poeiras cósmicas.

Kant, em sua *Algemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*,² de 1755, teria sido um dos primeiros a observar de modo original a estrutura dessas formações no *céu profundo*, como passou-se a dizer à época.

Discutindo as teses de Newton sobre a origem do universo e buscando neutralizar o discurso teológico, distinguiu-as de meros resíduos de estrelas envoltos em névoas e gases, avançando hipóteses sobre a formação das galáxias a partir da possibilidade de multiplicação dos mundos. Chamou aquelas formações de *Nebelwolke*,³ névoa de nuvens.

Tornadas um objeto de estudo pela contínua observação científica em meio a conflitos entre “homens de religião” e “naturalistas”, as “névoas de nuvens” passaram a ser chamadas “nebulosas”. Foram associadas, de início, à vida e morte de estrelas, mas, cada vez mais, à formação de galáxias e do universo, como pensou Kant.

Foi capital para essa invenção do substantivo e para sua adoção em outras línguas latinas, inclusive em português, a obra do Charles Messier, um astrônomo auxiliar de um oficial da Marinha Francesa que trabalhava no Observatório de Cluny. Na esteira do tratado de Kant e de outros estudiosos da primeira metade do século XVIII, ele publicou, em 1774, uma primeira catalogação dessas configurações celestes difusas. Nomeou-as “nebulosas”.

As nebulosas descritas por outros astrônomos, que paralelamente passaram a estudar objetos nebulosos “no céu profundo”, eram observáveis em posições fixas. Diferiam, assim, de tardes nubladas e nebulosas, evocadoras de um tempo coberto e impreciso, formado por um emaranhado de nuvens, ora paradas, ora em movimento.

O seu catálogo, que começou com apenas 45 corpos, visava distinguir aqueles objetos celestes dos cometas, que, como se sabe, movimentam-se.⁴ Na cultura portuguesa, bem antes de Kant e de Messier, algumas dessas formações já haviam chamado a atenção e, no início do século XVIII, o dicionário de Bluteau (1716, p. 694) registrava que se denominavam, assim, estrelas fixas – estrelas nebulosas – que emitiam uma “luz muito tênue e desmaiada”, das quais cinco já haviam sido identificadas.

Durante a vida de Messier, 107 corpos foram observados, atingindo o número de 110 objetos no início do século XX, quando os estudos sobre as galáxias e as estrelas tornaram-se mais precisos e complexos.

O uso atual da palavra ligado à astrofísica moderna data, assim, de novos campos de pesquisa que se aceleraram – sobretudo na segunda metade do século XVIII –, à observação de fenômenos celestes até então pouco estudados e ao vocabulário que astrônomos, de diferentes países, foram criando e adotando como seu. Contudo, pode-se perguntar: qual o peso desse passeio terminológico e o estatuto das palavras, para os que trabalham com a história material ou visual? Qual o peso que palavras podem ter diante projetos urbanos, diante de obras de arte, de arquitetura, de urbanismo?

Marcel Roncayolo (2011), lembrando que cidade não é só matéria e que grupos sociais vivem em estruturas construídas, claramente estabeleceu vínculos que podem servir de resposta. Ele resume:

a lógica das formas que inspiram os arquitetos [...] [estabelece] relação com o resto da história, em particular com a formação dos sistemas de pensamento, de representações, de sensibilidade e de gosto. [...] não são exercícios gratuitos, elas são lugar e suporte de funções e são vistas e percebidas como signos, imagens, símbolos [...] elas não são uma simples adição de comportamentos individuais. Arquitetura e urbanismo são particularmente artes de finalidade e uso coletivos [...] tão perigoso quanto suprimir [formas ou obras] [...] enquanto objeto de estudo, é estabelecer uma barreira pouco porosa entre [...] [a materialidade do construído] e o social. (RONCAYOLO, 2011, p. 161)

Ora, à época de Messier, essas discussões não ficaram restritas a um pequeno grupo de observadores de cometas e de fenômenos celestes. Elas também levaram à construção de um novo sentido para a palavra “espaço”, conceito do qual Kant partira em sua leitura crítica de Newton. (BLUMEMBERG, 2017, p. 79-81) Embora se constate o uso do seu sentido arcaico ainda hoje, o espaço passou a ser visto como um campo relacional e ilimitado no qual as unidades materiais interferem uma sobre as outras.

As consequências para a própria redefinição do sentido atribuído à palavra “arquitetura”, ainda que lentas, foram também consideráveis.

Ao longo do século XIX, sobretudo nos círculos letrados de língua alemã, nos quais essa teorização havia galgado níveis de fineza nos debates e, portanto, argumentações igualmente potentes e muito precisas, a ressignificação do conceito de espaço inspira uma ressignificação da própria arquitetura. Esta deixa de ser considerada uma arte da contemplação e do desenho para ter seu papel rememorativo investido de um significado não mais apenas retórico, como no século XVIII. Ela passa a ser vista por estetas e historiadores da arte como uma arte espacial, uma *Raumkunst* (MALGRAVE; IKONOMOU, 1994), e, portanto, como uma arte da interação entre coisas e da experiência que estas relações podem provocar. Isso significaria dizer que uma arte na qual a afetação dos sentidos que ela procura e potencializa não é apenas ótica, é total. É estética. Isto significa dizer que é uma experiência que permite ao corpo vivenciar o próprio conceito de espaço e de história como tal, a saber como experiência das infinitas possibilidade de criar relações, sublimando a própria matéria.

Esses debates, como se constata, não são de pequena monta. Eles engajam outros tantos termos na mesma convulsão crítica que, em cadeia, provocaria secessões e implicações políticas, como com o uso do termo “cosmos” e a invenção ou reinvestimento em palavras que lhe são derivadas, como “cosmopolítica” e “cosmopolita”. (DERRIDA, 1990) Com eles, fomentou-se uma profunda reflexão sobre as ideias de liberdade e de direito, começando pelo direito de ir e vir e do “estrangeiro”, ou seja, do direito daquele que não possui raízes ou terras onde vive, ou que é nômade, tecendo, ainda, uma estreita interdependência entre ética e estética.

Supor a existência de outras galáxias, ou mesmo um mundo de mundos, como fez Kant, implica discutir a própria criação e mundos não criados ou criado por outros deuses. Diante desse plural – outros mundos possíveis –, mesmo a criação passava a ser apenas uma das possibilidades imagináveis. O mundo – que, como universo fechado e estável, era um objeto único da experiência – abre-se para a incerteza que advém da totalidade de experiências possíveis e da reflexividade que provocam, colocando, de modo ainda mais radical, o homem no horizonte de histórias e da história que ele próprio escreve, como

mostram as revoluções do século XVIII, o nascimento do marxismo ou a expansão das ciências sociais e humanas.

Cem anos mais tarde, em fins do século XIX, Hippolyte Taine dá mostras desse deslocamento do foco de interesse intelectual. Refletindo sobre as formas de abordagem e as práticas do historiador de seu tempo, ele escreve, quase como um conselho:

A verdadeira história só pode ser erguida quando o historiador começa a desembaraçar [...] na distância dos tempos, o homem vivo, agindo, dotado de paixões, munido de hábitos, com sua voz e sua fisionomia, com seus gestos diferentes e por inteiro, como os daquele que acabamos de deixar... a coisa integral, é o homem agindo, o homem corporificado e visível, que come, anda, luta, trabalha: abandone as teorias das constituições e seus mecanismos, as religiões e seus sistemas e trate de ver os homens em suas oficinas, em seus escritórios, em seus campos, com seus chãos, suas casas, seus hábitos, suas comidas [...] Esse é o primeiro passo da história. (TAINÉ apud CASSIRER, 1988, p. 42-43)

Georges Gusdorf constatou que os contornos de um novo mundo intelectual com novas estruturas de pensamento já estariam se definindo, com um outro contemporâneo de Taine, um pouco mais jovem, Wilhelm Dilthey. Em sua *Einleitung in die Geisteswissenschaften*,⁵ de 1883, Dilthey (apud GUSDORF, 1974, p. 7) opõe à “preponderância abusiva das ciências da matéria e da natureza” um outro tipo de inteligibilidade, o das ciências do espírito. Para ele, o homem é o que interpela o próprio homem, que se esforça em compreender esse outro, mas que não pode fazê-lo se não compreender, antes de tudo, a si próprio. Para ele, como para Taine, a verdadeira inteligência seria histórica e biográfica e se manifesta como uma interpretação da vida.

É o mundo social que a cidade concentra que se torna, ele também, objeto do olhar, do discurso, da ação e da correção, dando passagem para a maturação do urbanismo como disciplina. No interior do grande laboratório social que se torna a cidade, as palavras não podem ser consideradas neutras. Seus usos, como se vê, recortam, prescrevem, mobilizam, segregam, silenciam, excluem.

Enfim, como esclarece Topalov (2013, p. 3):

As palavras ordenam, qualificam, avaliam [...] as palavras não descrevem apenas; elas constituem formas da experiência do mundo e dos meios de agir nele e sobre ele. As palavras são um dado social [...] resultam também das iniciativas de atores históricos, são instrumentos que permitem o conhecimento e a ação. As palavras são meios para nos comunicarmos, mas são também armas.

Assim, os usos históricos de uma simples palavra – “nebulosa” –, seja do adjetivo ou do substantivo, parecem justificar algumas considerações sobre seus nexos, sobretudo quando vão se constituindo seus elos com a própria constituição, tanto das ciências humanas quanto sociais, e se tece o elogio, como aqui, da sua validade como metáfora de um modo de pensar e fazer história, como narrativa e como ação.

O impacto da obra de Messier foi internacional entre os astrônomos e é perceptível em diferentes áreas do conhecimento e no linguajar corrente. O uso do substantivo, ao se generalizar, passou a ser associado, como se disse, a estudos científicos, até certo ponto, considerados de difícil vulgarização, dedicados a uma zona particularmente obscura do conhecimento, na qual o saber coteja a metafísica.

Os efeitos do novo significado atribuído ao antigo adjetivo – “nebuloso(a)” – foram crescentes. Nos termos de uma ideia de ciência que se deseja um ato de esclarecimento, a palavra passaria a ser empregada cada vez mais de forma pejorativa, qualificando tudo aquilo que não se dá a ver com clareza, toda situação que provoca hesitações, todo objeto de conhecimento que não é facilmente discernível. É ainda no âmbito de uma ciência cada vez mais mediada por uma ideia absoluta de verdade que também se fixa o uso do substantivo pelos astrofísicos, nomeando um objeto de estudo, as nebulosas, e um campo nebuloso de saber.

Na atualidade, poucos se perguntam sobre os termos que usam, e o emprego de “nebulosa” é absolutamente naturalizado e não causa polêmicas.⁶ Ninguém mais fala de nebulosas como ilhas, como

imaginou Alexander von Humboldt, em simplesmente *Cosmos* (1845-1859), ao escrever sobre estes corpos não descritíveis através de formas geométricas simples. O que merece a atenção e inspira o modo de *pensar por nebulosas* é a própria conotação negativa relacionada ao termo, que havia sido intuitivamente evitada, no caso de Kant, e foi introduzida com a difusão do catálogo de Messier ao amplificar a utilização do neologismo.

A dupla negatividade, tanto associada ao substantivo quanto atribuída ao adjetivo, pode fazer parecerem gratuitas considerações sobre astronomia ou sobre usos de novas e antigas palavras em um texto destinado a discutir práticas de pesquisa e historiografia. O que está em jogo aqui é justamente o que dá sustentação a essas reservas, prováveis ou concretas.

Isto é, *pensar por nebulosas* reage a uma ideia de ciência que se mostra preponderantemente compartimentada em “áreas” de saber e associa o conhecimento a um ideal de transparência e de clareza – quando não de uma revelação, distante, contudo, daquela benjaminiana, que não apascenta ao iluminar, com perplexidade, o absurdo.

Georges Didi-Hubermann (2017, p. 46) sublinha que Walter Benjamin, evocando Hegel, já havia alertado que a coruja – um dos atributos de Minerva, deusa da sabedoria – só alça seu voo ao anoitecer.⁷ Benjamin, tanto quanto Hegel, um século antes dele, criticava, assim, um modo de pensar o conhecimento que insistia em refutar zonas crepusculares, sombrias, de lusco-fusco e desvio. Em outras palavras, ambos refutavam uma forma de conhecer excessivamente guiada por uma aplicabilidade direta e imediata e que passou a se impor desde fins do século XVIII, evitando ou cobrindo com véus as errâncias e hesitações das reflexões no ir e vir de seus questionamentos e, em suma, denegando resultados inconclusos, provisórios, contingentes.

Ora, sem advogar a mesma positividade desse modo de conhecer e ainda que com outras práticas, o campo intelectual exige, contudo, argumentações e algum esclarecimento quanto ao que “falar” quer dizer.⁸ (BOURDIEU, 1982)

Uma nebulosa é, aqui, um conjunto de nuvens. Na expressão “pensar por nebulosas”, não se considera a palavra como Kant ou os astrofísicos contemporâneos. Ela não sugere ou propõe analogias com galáxias, estrelas, corpos celestes ou regiões interestelares envoltas em “névoas de nuvens” que remetem a alguma fixidez, ainda que enganosa.⁹ Não se trata de traçar paralelos com os estudos sobre a formação e expansão do universo. Uma nebulosa seria, assim, um substantivo feminino, mas que significa um coletivo de nuvem.

Reivindicar as nebulosas como uma metáfora e, por sua vez, reivindicar a própria forma de pensar metaforicamente, como um modo pleno de pensar: é disso que também se trata de esboçar aqui. É pensar por conjunto de nuvens com seu sentido híbrido, sua forma de estabilidade contingente, com sua natureza singular e plural, coletiva, que, como no poema de Shelley, não morre, desaparece e, de novo, irrompe, faz e desfaz.

MODOS DE PENSAR OS CÉUS DA HISTÓRIA

“Pensar por nebulosas” é herdeira de inúmeras nebulosas intelectuais. Certamente, as reflexões desenvolvidas por Christian Topalov, em seu trabalho sobre movimentos sociais na França do século XIX, intitulado *Laboratoire d'un nouveau siècle: la nebuleuse réformatrice en France* (1880-1914), foram uma referência forte às ideias expostas aqui.¹⁰ Elas permitiram que se abrissem caminhos de investigação e intuições ganhassem matizes.

De fato, o sociólogo francês foi, provavelmente, um dos primeiros, senão o primeiro, a intuir o alcance do uso do termo “nebulosa” como uma metáfora do mundo social. O ponto de partida foi a constatação da heterogeneidade que permeava a ação dos grupos de atores engajados em prol de “reformas” sociais na França no período estudado por ele: seja quanto ao seus perfis, suas práticas, suas instituições e, até mesmo, seja quanto ao significado que atribuíam ao próprio termo “reforma”, em torno do qual se moviam.

Escrevendo sobre o uso metafórico que fez da palavra “nebulosa”, Topalov (1999, p. 13) esclarecia que o próprio termo indicava “o trabalho a ser desenvolvido: explorar um universo finito mas com contornos indecisos, uma matéria descontínua feita de nós densos e de zonas relativamente vazias, de corpos em formação ou em desintegração, um conjunto de objetos organizados em sistemas parciais mais que seguem um movimento de conjunto”. A metáfora permitia, assim, que se dispensasse de definir a palavra “reforma”, “como se tratasse de um conceito, de uma ideologia constituída ou de uma corrente reconhecível pelas ideias que professa”. (TOPALOV, 1999, p. 13)

O uso da nebulosa como metáfora é um primeiro ponto da defesa da atitude intelectual exposta aqui. Contudo, “pensar por nebulosas” propõe a defesa do próprio modo metafórico de pensar. Nesse sentido, é preciso lembrar que, bem antes do século XIX, as nuvens já haviam se tornado um objeto teórico para muitos pintores, como mostrou Hubert Damisch, em seu livro *Théorie du Nuage*. Isto é, antes mesmo que “estrelas nebulosas” e “névoas de nuvens” viessem no século XVIII a ocupar astrônomos, nuvens passassem a inquietar poetas ou que os céus e constelações servissem de metáfora para se pensar a história em um momento de grande impulso da astrofísica, nos anos 1920 e 1930. Que sejam reconhecidas, assim, em certas associações feitas aqui, também, as contribuições do pensamento damischiano.¹¹

De fato, sucessivos esforços teóricos vêm sendo feitos nas últimas, décadas dotando de historicidade termos, categorias e conceitos, multiplicando a atenção aos sentidos e nexos entre palavras e os investimentos e estratégias necessários para a garantia da estabilidade relativa de seus significados. Nos anos 1990, Derrida já insistia em lembrar – a partir da ideia de *différance* –¹² que, no interior do jogo da interpretação, todo trabalho de natureza conceitual transforma e deforma a relação, até então, acreditada, autorizada, naturalizada, entre uma palavra e um sentido.

Talvez seja útil também lembrar como diria, de outro modo, Hans Blumenberg (2017, p. 3):

Um conceito deve em princípio ser [contudo] definível mesmo quando ninguém, nessa situação, está em condições de satisfazer às exigências da definição. A racionalidade [se ela traduz um esforço de compartilhamento] não se inicia com a satisfação dada a estas exigências, mas do fato que elas são aceitas.

Isto é, elas requerem um consentimento intersubjetivo.

Ora, a ideia de pensar a partir de conjunto de nuvens ou de nebulosas é uma metáfora, e não um conceito. Tanto metáforas quanto conceitos, quando muito, são uma suposição e uma hipótese necessárias à razão, entendida aqui como possibilidade de alguma objetivação que permite o compartilhamento de ideias e práticas. Como metáfora, utiliza-se da ideia de substituição na qual um pensamento seria igual a um conjunto de nuvens, deixando, contudo, a ideia de equivalência em aberto e insistindo em desconstruir a própria clareza e estabilidade, que continuam a ser atribuídas ao processo de conhecimento.

Nesse sentido, visa-se, assim, começar por sublinhar a própria condição de possibilidade dos conceitos que um autor ou um campo erige e dos quais cada qual se serve, perguntando-se sobre sua historicidade, isto é, sobre a situação específica de sua enunciação e os alcances e limites de seu próprio uso.

Com a metáfora, interroga-se, portanto, uma forma de pensar cidades, culturas, atores e memórias que tende a colocar em um plano secundário os regimes de rememoração, torna homogêneas memórias, tempos, espaços e narrativas; insiste, enfim, em criar totalidades herméticas e hierarquizadas.

Pensar por nebulosas, é assim, um convite a uma ideia instável e dialógica de saber que, mesmo quando feita de configurações, conceitos, categorias e noções, entende-as como esforços de uma teorização mais ou menos precisa, mas jamais neutra, e cuja estabilidade e consenso são momentâneos. Esse saber – como nuvens –, antes de tudo, é movediço, formado por inúmeras camadas diáfanas e vaporosas de

outros saberes, inclusive os rechaçados ou não considerados como tal. Um esforço que, sem denegar-se, toma para si a frase de Paul Valéry (apud BLUMENBERG, 2017, p. 36): “O que não é inefável, não tem qualquer importância”. Esse saber assume o seu caráter metafórico e paradoxal: pensar a partir do que justamente é e permanece pouco claro, que menos esclarece do que tenta fazê-lo. Ele é, assim, um desvio, um corte, uma disjunção em relação tanto a uma visão setorial, positiva e progressiva de ciência, quanto à negatividade atribuída ao que permanece como um índice misterioso e obscuro nas atividades de pesquisa, mas nem por isso é destituído de presença e de contornos que são confrontados não à prova, mas à argumentação e ao esforço de confrontação e compartilhamento.

Talvez, “pensar por nebulosas” possa ser considerada como uma metáfora que evoca não homologias, mas, ao contrário, permite constatar lacunas, perceber o que está tanto presente como, sobretudo, o que escapa, o que não está lá. Uma metáfora, como as metáforas disruptivas de que fala Blumenberg (2017, p. 36-42). No caso das nebulosas, ela se alimenta do poder poético da imagem e conclama a imaginação a agir, chamando a atenção para os elementos dispares que se agrupam enquanto enfrenta o que não se sabe e tece hesitante correspondências e sentidos.

Nebulosas são, assim, conjuntos de nuvens, massas de vapores, emaranhados, sobrepostos, agregados, esparsos, densos ou esgarçados, que se articulam ou se entrecrocavam e cuja presença, até então inocente, uma vez percebida pelo olhar daquele que vagamente os distingue e enuncia, não se pode mais ignorar. Definem, contudo, um estado passageiro dos céus, onde em seu movimento cada nuvem desenha um conjunto ritmado de algum modo, construído a partir de diferentes sopros e em diferentes temporalidades.

Céu e nuvens, mas também configurações, movimento, efemeridade, instabilidade, choques, fricções e compartilhamentos são palavras-chave no modo de pensar por nebulosas. A utilização do termo retoma o que estava implícito nos usos arcaicos da palavra e de suas declinações a partir de sua origem etimológica latina – *nebula*,

nebulae, névoa; *nubes*, *nubis nubila*, nuvem; *nebulosus*, a, um – nebuloso, nublado, cuberto¹³ de nuvens; nuvrado, nubrar. (BLUTEAU, 1716, p. 694, 714-716, 765, 775-776; MORAES SILVA, 1813, p. 337- 342)

Entretanto, essas especulações etimológicas em torno do termo não prescrevem o que deveriam significar ou ser nebulosas, que sequer podem ser descritas ou são circunscritíveis fisicamente. Antes, buscam justificar a defesa do sentido de “nebulosa” como um substantivo – mas como um substantivo coletivo. Mais que isso, trata-se, nesse seu uso, de um termo cujo significado congrega fenômenos e processos de natureza coletiva.

De fato, uma nebulosa como um coletivo é um conjunto não só movente, mas também híbrido. Cada nuvem, considerada sob certo ângulo, define ela própria uma totalidade, ainda que contingente, pois mesmo sua estaticidade advinha-se que é temporária. Contudo, ela é também formada por inúmeras camadas de névoas e de outras nuvens que assumem diferentes formas. Daí seu caráter híbrido, singular plural. Ou seja, como nuvem, ela pode ser considerada uma figura singular, mas, na medida em que é composta por diferentes vapores e mesmo se articulam francamente a outras nuvens, condensadas sob diferentes formas, ela também é uma figura plural.

Além disso, também se aproximam ou se afastam de tantas outras nuvens e nebulosas e sua configuração jamais é a mesma. Assim, a própria ideia de uma nebulosa como totalidade é relativa e depende dos sentidos e nexos internos e externos que as recortam e recortaram.

Em resumo, trata-se de um modo de pensar, e de pensar a história, analógico ao caráter compósito de nuvens e de conjuntos de nuvens, lembrando que o próprio conceito de “história”, quando se formula no século XVIII, pode ser visto como uma metáfora de uma totalidade que é imaginada como o fato de contar histórias. Assim, é também um singular plural: singular, a história; plural, as histórias. (BLUMENBERG, 2017)

Em termos historiográficos, essa analogia entre um modo de pensar

e a formação de nuvens significa dizer que, não sendo propriamente um conceito, uma nebulosa tampouco é uma configuração prévia. Ao contrário, ela se desenha e se dá a ler à medida que se forma, isto é, à medida que intuições sucessivas são verificadas, articuladas, correlacionadas, enquanto outras são deixadas de lado, mostram-se absurdas, sequer são percebidas. Nesse fazer, uma só nuvem ou um fragmento de nebulosa pode também participar ou derivar de tantas outras nebulosas, ao mesmo tempo em que podem ser observadas em suas movimentações.

Certamente, as nebulosas herdam da ideia de rede. As nuvens que as compõem e mesmo as camadas de cada uma delas resultam, como se disse, de nexos e associações. Mas elas integram essa premissa que rege as interações sociais e culturais para desconstruir seu caráter mecânico, insistindo em observar essas interações de modo situado e exibindo, segundo o que se interpreta, descontinuidades, vazios, meros restos de vapores, condensações, ou o anúncio de turbulências.

Por outro lado, antes de ser um método entendido como uma forma de encaminhamento da reflexão ou uma proposta para um percurso regrado em direção a um ponto futuro ou um resultado à frente, a expressão talvez possa ser considerada, primeiramente, como se disse, uma atitude diante da escrita da história.

De fato, como uma metáfora, ela é uma figura de linguagem, e não é, portanto, propriamente um método. O uso do termo, extraído da consulta cruzada de palavras em antigos dicionários, como vimos, descreve uma condição atmosférica que é quase uma imagem. É a imagem de um pensamento que se move e, ao mesmo tempo, um movimento do próprio pensamento como ideação movente. Embora não se trate apenas de reconhecer que o pensamento opera por imagens, por impressões fugitivas, por analogias, por associações, por um livre pensar que segue intuições que constroem um certo conjunto de nexos. É um modo de pensar que se pergunta sobre o próprio ato de conhecer e as operações que lhe são inerentes, a começar pelo que se mobiliza como objeto de estudo e que parece impor-se como memória e exigir alguma escuta.

É, assim, uma atitude intelectual que, implicitamente, sublinha posições e percepções que engajam a totalidade do corpo e da experiência sensível para além do olhar. Essa atitude evoca coisas etéreas para interpelar o que as sociedades construíram de mais material: suas cidades, suas instituições, as próprias práticas do campo do conhecimento.

Embora, até certo ponto, trate-se da contemplação dos “céus da história” e suas “constelações”, na expressão de Walter Benjamin em suas conhecidas teses *Sobre o conceito da História*,¹⁴ esses céus se querem ainda mais cotidianos, mais fragmentários, mais movediços do que aqueles que levaram com sua mesma barbárie o filósofo e tantos poetas aos seus limites. Eles exibem nuvens densas formadas pelos consensos, mas também as zonas escurecidas dos conflitos, dos confrontos, dos choques.

Construir e pensar por nebulosas pede a mesma atenção tanto para formações compactas quanto para manchas dispersas, desgarradas e, sobretudo, para as quase névoas que causam como um estranhamento, como uma intuição do que exige de que se fale, do que foi e está sem lugar e emudecido, do que questiona em sua situação de latência e à margem.

Enfim, observar as nebulosas em suas configurações momentâneas, ainda que em si carregue uma ideia de passado e de devir, a performatividade da partilha do que é visto, do que se dá a ver, do que se propõe como formulação de sentidos e de relações se sustenta no instável de um campo de forças, no qual só se pode sentir o rumo dos ventos. São céus que estão aí: na experiência histórica, temporal e espacial de todo dia, de qualquer um ao fazer história, ao reconhecer tempos, ao coreografar espaços como configurações abertas de relações entre o sonho, a esperança, a intolerância, o medo, a fragilidade.

OS MAPAS DOS CÉUS OU A FORMAÇÃO DAS NEBULOSAS

Pensar por nebulosas traduz uma operação de pensar por meio da formação de conjuntos de nuvens de sentidos que erigem a própria

vida coletiva nas mudanças, repetições, perplexidades que interpelam cada um, cada ator, no cotidiano. Nuvens de conceitos, de gestos, de práticas e leituras, que não são aleatórios e cujas imagens exigem a exploração crítica e contínua de diversas camadas com seus pontos de concentração ou esgarçamento.

Assim, ainda que a metáfora remeta à observação dos céus da história,¹⁵ evocados por Benjamin, esta não se beneficia apenas das suas reflexões. Trata-se, antes, de um exame lento e, em certo ponto, ainda em movimento, tanto sobre certas reflexões do filósofo alemão, entre outros pensadores, e das noções que mobilizou, quanto de suas condições de enunciação e suas possibilidades de atualização.

De certo modo, “pensar por nebulosas” se beneficia justamente de noções que permeiam as obras de Benjamin: de constelação, de iluminações profanas e de imagem de pensamento. Mesmo que estas não tenham sido tratadas como objetos teóricos plenos pelo filósofo, elas possibilitam abrir caminho para explorar temas discutidos nos círculos dos historiadores de arte de cultura alemã desde fins do século XIX até particularmente no período entre guerras.

Ela é, contudo, igualmente devedora de aportes de inúmeros autores que, nas últimas décadas e pelo menos desde os anos 1970, e de Certeau, por exemplo, vêm se debruçando sobre a operação historiográfica e abordando modos de pensar os regimes de historicidade e regimes de rememoração e de temporalização que dão fundamento à própria história como campo disciplinar.

Para Certeau, o historiador age em uma zona transitória entre a experiência concreta do corpo a corpo da rua e o que vê do alto de um arranha-céu, entre as impregnações imediatas e a capacidade imaginativa em torno de uma totalidade que só se fecha como um artifício da ordem da retórica e do conceito. A cartografia dos céus das nebulosas entende o fazer do historiador como uma ação que oscila entre pausa e repouso, entre afirmação e impotência, entre força e limite, entre intuição e dúvidas metódicas.

Mas se essa atitude pressupõe, por parte do historiador, uma contemplação dos céus da história e, como pensamos aqui, olhar nuvens que se organizam como diferentes conjuntos de nuvens, também é saber-se em meio elas – afastando-se ou aproximando-se de uma ou de outras, por vezes também em estado de pausa, conforme os ventos, sua força, sua direção.

Tudo que subjaz como história, tudo que irrompe como memória, é signo e representação, mas, antes de tudo, apresentação e trauma, marca de algum passado que interroga um agora, marca de algum presente que reverbera um porquê, um quando, um ainda e insiste para ser lembrado, ser narrado, ser inscrito em um discurso de correspondências.

E nesses termos, a operação historiográfica pressupõe interrogar-se sobre o próprio movimento de ar e sobre a fenda que ele, o historiador, intuiu existir no fundo da Terra e de onde provêm os vapores dos céus. É dessa fenda, é dessa caverna, é dessa tumba – como lembra Shelley – que irrompem as nuvens, passageiras nuvens. É a visita a ela que as nebulosas convidam. É ela que o historiador está prestes a começar a explorar ao interrogar-se sobre os discursos constituídos e instituídos sobre o passado, ao interrogar reminiscências, visões, impressões fugitivas, até, pouco a pouco, dar voz ao que permanecia quase como um murmúrio. Enfim, é o que extrai dessas suas expedições que ele desvela, ao definir seus objetos de estudo, ao fazer sua voz ser também como sopro e vento, ao narrar o que entrevê e experimenta e, enfim, ao propor e submeter este exercício, que é seu, à leitura de seus contemporâneos como algo que possa ser comum.

Essa “viagem ao centro da terra” é a outra face de sua observação dos céus e faz referência a um estado de atenção máxima e, portanto, a um estado de espreita, que precede qualquer ato passível de engendrar um movimento. Isto é, um estado de tensão máxima, que é também de crítica – no sentido de que ela procede a uma avaliação de todo gesto capaz de provocar a passagem de um estado de coisas a outro. Esse gesto, que coloca em movimento no presente os ecos que nos chegam de vozes que emudeceram, parece ser a operação de escrita da história. No exame que temos feito da prática historiográfica e das questões,

inclusive de métodos que a envolve, a imagem de nuvens é, de certo modo, uma imagem de pensamento.

Hubert Damisch (1972) se dedicou, em um longo trabalho de erudição, a construir um dos mais consistentes estudos sobre as nuvens como objeto teórico, analisando suas recorrência e usos na pintura do *Quattrocento* até Cézanne. Na obra, elas são exploradas em seus efeitos volumétricos e espaciais, “em sua inconsistência relativa à solidez, à permanência, à identidade que define a forma”. Damisch lembra, entre outras coisas, de um velho conselho de Leonardo da Vinci: “olhe atentamente as manchas nas paredes, os restos de cinzas nas fogueiras, as nuvens ou a lama, dentre outras coisas semelhantes, elas são quase da esfera do maravilhoso pois é nas coisas confusas que o espírito encontra matéria”.

Analisando a arte “celeste” de Corregio e sua maneira “vaporosa” de pintar, Damisch, com Jacob Burckhardt, um dos que também insistiram em reconhecer o valor e as funções das nuvens em relação à ciência positiva e materialista do seu tempo, sublinha sua natureza comunicativa como registro e como elemento não de um estilo, mas de uma construção. (DAMISCH, 1972, p. 29) Sendo imagem, pode ser vista também como conceito. E aqui, um conceito que se sabe etéreo. Isto é, ainda que indecisa e evanescente, plasticamente, ela permitiria a conformação, a deformação, a superposição, a justaposição de corpos, densidades, camadas, matizes como o próprio conhecimento que, sem ser ilusório, permanece em constante recomposição.

Pensar por nebulosas, ao mesmo tempo em que desconstrói e reconstrói conformações mais ou menos efêmeras, é uma atitude intelectual que busca deslocar as ideias de transferência de saberes prontos, se opõe aos modelos fixos e aos métodos reprodutíveis e aplicados e refuta tanto a ideia de hermetismo de culturas quanto sua hierarquização. É um ato de liberdade do pensamento, mas também de escuta e solidariedade. Como se lê nas entrelinhas de *Théorie du nuage*, ela não é inovadora, ela apenas rememora.

NOTAS

- 1 No *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio Moraes Silva (1813), como no *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1716), aparece o termo “nebulosa”, no feminino, ligado à astronomia e à *Estrella nebulosa*, e não às investigações sobre as galáxias e a à estrutura do universo, como se deu a partir da metade do século XVIII.
- 2 *História geral da natureza e Teoria do céu*. Para este texto, consultamos a tradução francesa *Histoire générale de la nature et Théorie du ciel* (1984).
- 3 Literalmente, “névoa de nuvens”. A partir de Kant, na segunda metade do século XVIII e até, pelo menos, Humboldt, em *Cosmos* (1845-1859), os termos empregados por aqueles que estudam essas configurações celestes em alemão são hesitantes *nebula*, *nebelstern*, *nebelwolke*, *nebelfleck*.
- 4 O estímulo aos estudos de Messier foi dado pela previsão de passagem do cometa identificado por Halley.
- 5 *Introdução às ciências do espírito*.
- 6 Todo ano, astrônomos amadores do mundo todo reúnem-se, inclusive, em uma espécie de festa e maratona, na segunda metade do mês de março, buscando identificar o maior número de nebulosas em uma só noite.
- 7 Essa analogia feita por Hegel entre o processo de conhecimento e a coruja, ave noturna que acompanha Minerva, foi lembrada por Walter Benjamin em texto de 1931 e citada por Georges Didi-Hubermann (2017).
- 8 Nas palavras de Pierre Bourdieu (1982), em seu livro de mesmo título.
- 9 Pensa-se, por exemplo, nos anos luzes que nos separam do que vemos no firmamento.
- 10 Nota-se que as nebulosas reformadoras estudadas por Topalov (1999) movem-se instituindo o mundo social e recortando-o com seu vocabulário em consonância com a própria expansão das ciências humanas e sociais, no mesmo período em que Taine e Dilthey escreveram.
- 11 Este texto, embora embrionário e que apenas tangencia *Théorie du Nuage*, é dedicado a Hubert Damisch, professor da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) cujos seminários seguimos entre 1983 e 1988, falecido quando acabávamos de concluir esta versão em 14 de dezembro de 2017.

- 12 O *Glossário de Derrida*, elaborado pelos alunos do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), sob supervisão de Silviano Santiago, esclarece: “neo-grafismo produzido a partir da introdução da letra a na escrita da palavra ‘différence’. A *différance* não é ‘nem um conceito, nem uma palavra’ [...] Esta ‘discreta intervenção gráfica’ (‘a’ em lugar do ‘e’) será significativa no decorrer de um questionamento da tradição fonocêntrica, [...] o a de *différance* propõe-se como uma ‘marca muda’, se escreve ou se lê mas não se ouve [...]”. (GLOSSÁRIO..., 1976, p. 22-24)

- 13 Conforme original.

- 14 As teses de Benjamin foram traduzidas em português sob o título *Sobre o conceito da História*. Em francês, o título é *Sobre o conceito de história*, que parece melhor corresponder às suas ambições ao redigir essas suas teses. De todo modo, um trabalho mais detalhado, levando-se em conta também sua versão em alemão, carece ser feito no atual estado do conhecimento sobre a obra do autor.

- 15 A obra de Benjamin, como a de outros intelectuais desde fins do século XIX – de Nietzsche e Riegl a Halbwachs e Kracauer, passando por Bergson – e sobretudo nas décadas de 1920-1930, busca colocar as narrativas do passado em um *Lebenswelt*, um mundo da vida, desnaturalizando a própria faculdade de lembrar.

REFERÊNCIAS

- ASTOR, D. *Dictionnaire Nietzsche*. Paris: Bouquins/Robert Laffont, 2017.
- BARDET, M. *Pensar con mover: un encuentro entre danza y filosofía*. Buenos Aires: Cactus, 2012.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas)
- BENJAMIN, W. Sur le concept d'histoire. In: ŒUVRES III. Traduit de l'allemand par Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz et Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 2000. p. 427-444. (Collection Folio Essais).
- BENJAMIN, A. *Walter Benjamin and History*. London: Continuum, 2005.
- BLUMENBERG, H. *Théorie de l'inconceptualité*. Paris: Éditions de l'éclat, 2017.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário Português e Latino*. Lisboa: Officina de Paschoal da Silva, 1716.
- BOURDIEU, P. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.
- BRETON C.; MAESTRAGGI, S. *Mais de quoi ont-ils eu si peur?* Marseille: Editions Commune, 2016.
- CASSIRER, E. *L'idée de l'histoire*. Paris: Les éditions du Cerf, 1988.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DAMISCH, H. *Théorie du nuage: pour une histoire de la peinture*. 2^{ème} éd. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- DELACROIX, C. et al. *Historiographies, concepts e débats*. Gallimard: Folio Histoire, 2010. v. I e II.
- DERRIDA, J. *Le droit à la philosophie du point de vue cosmopolitique*. Lagrasse: Ed. Verdier, 1997.

DERRIDA, J. *Du droit à la philosophie*. Paris: Galilée, 1990.

DIDI-HUBERMAN, G. *À Livres ouverts*. Paris: INHA, 2017.

DURING, É. Méthode ou Système: pour une métaphique locale. *Revue Les Temps Modernes- La Philosophie Française A-T-Elle L'Esprit De Système*, Paris, n. 682, p. 49-71, 2015.

ECO, H. *Les limites de l'interprétation*. Paris: Grasset, 1992.

ENCICLOPÉDIA Einaudi: volume 1: memória-história. 3. ed. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

FARRACHI, A. *La tectonique des nuages*. Paris: Corti, 2017.

GLOSSÁRIO de Derrida. Supervisão de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

GUSDORF, G. *Introduction aux sciences humaines: essai critique sur leurs origines et leur développement*. Paris: Ed. Ophrys, 1974.

HUMBOLDT, A. von. *Cosmos: essai d'une description physique du Monde*. Paris: Éditions Utz, 2000. 4 v.

KANT, E. *Histoire générale de la nature et Théorie du ciel*. Paris: Vrin, 1984.

KRACAUER, S. *L'histoire: des avant-dernières choses*. Paris: Stock, 2006.

LILTI, A. et al. *L'expérience historiographie: au tour de Jacques Ravel*. Paris: EHESS, 2016.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: Avertissement d'incendie: Une lecture des theses "Sur le concept d'histoire"*. Paris: PUF, 2001. (Collection Pratiques théoriques).

MALGRAVE, F.; IKONOMOU, E. (Ed.). *Empathy, Form and Space, Problems in German Aesthetics –1873-1893*. Santa Monica: Getty Center for the History of Art and Humanities, 1994.

MESSIER, C. Catalogue des nébuleuses et des amas d'étoiles.
In: MEMOIRES de l'Académie royale des science de l'année 1771. Paris:
Imprimerie royale, 1774.

MORAES SILVA, A. *Diccionario da Lingua Portuguesa Recopilado*. Lisboa:
Typografia Lacerdina, 1813.

MOSÈS, S. *L'Ange de l'Histoire*: Rosenzweig, Benjamin, Scholem. 2^{ème}.
éd. Paris: Gallimard Education: Folio Essais, 2006.

PROST, A. *Douze leçons, sur l'histoire*. Paris: Seuil, 2010.

REYES, P. *Projeto por cenários: o território em foco*. Porto Alegre:
Sulinas, 2017.

RICOEUR, P. *La memoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

RONCAYOLO, M. *Lectures de Villes: Formes et temps*. Marseille:
Parenthèses, 2011.

ROSSET, C. *Impressions fugitives: l'ombre, le reflet, l'écho*. Paris: Éditions
de Minuit, 2004.

TOPALOV, C. (Org.). *A aventura das palavras da cidade, através dos tempos,
das línguas e das sociedades*. São Paulo: Romano Guerra, 2013.

TOPALOV, C. *Laboratoire du Nouveau Siècle: La nébuleuse réformatrice
en France (1880-1914)*. Paris: EHESS, 1999.